

JORNALISTAS E PÚBLICO: NOVAS FUNÇÕES NO AMBIENTE ONLINE

Elizabete Barbosa*

Índice

Antes de mais, julgo ser importante distinguir informação e jornalismo, dois conceitos que, não raras vezes, são confundidos. De acordo com o dicionário Lello, informação é o “acto ou efeito de informar, notícia dada ou recebida, indagação, esclarecimentos dados sobre os méritos ou estado de alguém”. O mesmo dicionário apresenta como definição de jornalismo “profissão de jornalista, imprensa periódica, conjunto de jornalistas”.

Num esquema de comunicação tradicional, de um para muitos, as funções do jornalista e do seu público estão claramente estabelecidas. No entanto, no ambiente do jornalismo online, em que os leitores têm acesso, por vezes, às mesmas fontes de informação que os jornalistas e, facilmente, podem publicar na rede assumindo-se até como jornalistas, as relações e procedimentos nos dois grupos estão a ser redefinidos.

O objectivo da minha investigação, no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, Especialização em Informação e Jornalismo da Universidade do Minho, é compreender como esta nova realidade, a do jornalismo online, transforma o trabalho dos jornalistas. Alguns estudos sobre o tema foram realizados até ao

*Universidade do Minho

momento. No entanto, o jornalismo online ainda está no início. Durante anos, a presença dos meios de comunicação social na rede limitou-se à transferência dos conteúdos utilizados no meio tradicional para um site na Internet. É recente a tendência de considerar algumas das potencialidades que a Internet oferece como meio para criar um produto e um serviço melhor. Como consequência, muitas análises ainda não podem ser feitas agora e os estudos sobre o tema ainda se encontram numa fase inicial.

John Pavlik, que no ano passado publicou um livro intitulado “Journalism and New Media”, analisou, num artigo publicado na *Journalism Studies*, o impacto da tecnologia no jornalismo. E concluiu que a tecnologia alterou a forma como os jornalistas fazem o seu trabalho, alterou a natureza do conteúdo das notícias, modificou a estrutura e organização da redacção e da indústria noticiosa e, por fim, modificou a natureza das relações entre as organizações noticiosas e os seus variados públicos.

A primeira grande mudança, compreendida rapidamente por todos os jornalistas mesmo os que não trabalham para um meio online, é a utilização da Internet para investigação e recolha de dados destinados à criação de notícias. Sites das empresas, bases de dados, outros órgãos de comunicação social são frequentemente visitados por jornalistas em busca de informação. Em alguns casos, os jornalistas utilizam a Internet para obter ideias para notícias. Um estudo realizado junto de 2500 profissionais da área por dois investigadores norte-americanos, citado por Pavlik, conclui que 93 por cento dos participantes utilizavam a Internet como espaço de procura de informação e que 9 por cento dos que responderam indicavam a Internet como principal fonte de notícias. O relacionamento entre os jornalistas e os seus leitores tem vindo a sofrer alterações, que, em alguns casos, poderão ser pouco notórias mas, à medida que mais utilizadores acederem à Internet, poderão ter uma grande influência na forma como os jornalistas fazem o seu trabalho.

O correio electrónico é, até ao momento, a forma mais fácil e eficiente de chegar até aos jornalistas. Qualquer leitor, com acesso

à Internet, poderá escrever uma mensagem, no minuto em que acabou de ler uma notícia, sem precisar de passar por um posto dos correios para enviar a carta. Por outro lado, a probabilidade da missiva se perder por entre os vários quilos de papel existentes numa redacção é menor, uma vez que a mensagem electrónica segue directamente para a caixa de correio do jornalista.

A participação dos leitores na vida dos jornais é um assunto quase tão antigo como a existência do jornalismo. Apesar de defendida por uns e criticada por outros, a participação dos leitores é importante. Eles conhecem a realidade e, muitas vezes, sabem mais sobre determinados assuntos do que os jornalistas. Podem também ser importantes fontes de informação, provavelmente mais desinteressadas do que as fontes oficiais, e chamar a atenção para temas não muito retratados pelos jornais e que são interessantes para a audiência.

John Pavlik, no já referido artigo sobre o impacto da tecnologia no jornalismo, diz que os jornalistas já não se podem contentar com a publicação das notícias. Pelo contrário, afirma, o processo está a transformar-se mais num diálogo entre a imprensa e o público. Os órgãos de comunicação social com forte presença na web, que organizam fóruns de discussão online com a participação de jornalistas e editores, disponibilizam endereços de email e fomentam o contacto directo entre jornalistas e leitores, estão também a criar um modelo de comunicação em dois sentidos onde, não só os leitores são influenciados pelos jornalistas, como os profissionais sofrem a influencia dos leitores. Talvez este aspecto ainda não se faça sentir hoje mas, caso a evolução do jornalismo online prossiga o mesmo sentido que tem tido até agora, os jornalistas já não terão o controlo como formadores de opiniões. Será um processo nos dois sentidos, onde os leitores também poderão contribuir para a formação da opinião dos jornalistas.

Prosseguindo esta linha de raciocínio e salientando o facto dos leitores terem, por vezes, acesso à mesma informação que os jornalistas (organismos públicos, empresas, grupos, associações, etc. todos têm agora presença na Internet) poderia discutir-se o papel

do jornalista na sociedade actual. Os leitores poderiam organizar-se e, depois de acederem à informação, discutiriam entre si os assuntos do dia, utilizando as ferramentas disponíveis na rede e formando, a partir daí, uma opinião sobre os factos. Advogou-se, até, o fim do jornalismo.

Não será este o futuro, creio. Mas, os jornalistas devem considerar a possibilidade de verem as suas rotinas alteradas. Num trabalho publicado em 1997 (com dados recolhidos em 1995), Jane Singer analisou a forma como jornalistas e editores de jornais americanos viam a sua função de gatekeepers, no ambiente online. O estudo, intitulado “Still guarding the gate? The newspaper journalist’s role in an online world”, concluía que a maioria dos jornalistas e editores entrevistados considerava a sua função de “guarda do portão” como vital, mas modificada. Os dados foram compilados junto de 66 jornalistas e editores de jornais americanos através de entrevistas. Parte considerável dos participantes classificava como benéfica a possibilidade de interagirem com os leitores. Por outro lado, uma das principais conclusões deste trabalho é o facto dos jornalistas já não se considerarem como seleccionadores do que é ou não notícia, mas como interpretes e controladores da qualidade do que é publicado. Ou seja, a função do jornalista como gatekeeper não desaparece mas transforma-se. A informação valerá cada vez mais não pela quantidade mas pela qualidade.

Por outro lado, muitos leitores transformaram-se em “jornalistas”, ou seja, qualquer pessoa com acesso à Internet é um potencial jornalista, escritor ou autor. As ferramentas disponibilizadas são cada vez mais fáceis de utilizar por toda a gente e cada vez menos dependentes do conhecimento de linguagens de programação.

O fenómeno dos weblogs é um excelente exemplo desta tendência. São uma ferramenta gratuita, existente em diferentes versões, com formatos pré-definidos, que podem ser seleccionados pelo futuro blogger - assim se chamam os autores de blogs. Para ter um weblog, basta aceder às páginas que os disponibilizam, criar

uma conta - inserindo login e password - escolher um nome e publicar.

Em Portugal, o número de weblogs existente é reduzido mas em países como os Estados Unidos e o Brasil são fenómenos de popularidade. Há dois tipos de blogs: uns que são diários online onde os seus autores descrevem sentimentos e acontecimentos do seu dia a dia; outros que são informativos (seguindo um tema específico ou não), que reúnem links e textos. Alguns são visitados por centenas ou milhares de pessoas que os utilizam como fonte de informação, especialmente quando são dedicados a assuntos específicos como tecnologia, música, etc.

Em redor deste fenómeno formaram-se grande comunidades. Muitos internautas, interessados em assuntos diversos, encontram nos blogs espaços de informação especializada, dado que, habitualmente, os bloggers são especialistas na área sobre a qual escrevem. Estas publicações têm, na perspectiva dos visitantes, a vantagem de não sofrerem censura e de apresentarem a perspectiva do seu autor. Alguns bloggers realizam um bom trabalho de selecção e interpretação de diversas notícias. Os leitores de blogs têm, frequentemente, oportunidade de comentarem ou acrescentarem informação ao que está publicado no blog. Ao mesmo tempo que as ferramentas para edição de weblogs, surgiram também tecnologias que permitem acrescentar um espaço para comentário no final de cada post (assim se chamam as unidades de texto dos blogs). Estando organizados como comunidades, os blogs e criam espaços de discussão interessantes, através de links entre os vários blogs, comentários e informação recolhida em diversos locais da rede (incluindo outros blogs). No entanto, parte considerável da informação dos weblogs é retirada de órgãos de comunicação social.

Muitos bloggers apresentam-se como jornalistas amadores baseando-se no facto de realizarem tarefas semelhantes às do jornalista profissional: a procura de informação, o contacto com fontes, a selecção e apresentação das notícias. Será isto jornalismo, é a primeira questão que levanto aqui hoje? Ou será informação,

reportando-me às definições que apresentei no início?

Pessoalmente, julgo que não se pode chamar jornalismo a esta actividade mas é um fenómeno que não se pode ignorar. Muitos jornalistas profissionais têm weblogs e utilizam-nos para publicar assuntos que não são integrados nas publicações onde trabalham. Depois de uma primeira fase de guerra, em que os jornalistas estavam contra os bloggers e estes contra os jornalistas, começou-se a pensar em como esta ferramenta poderia auxiliar os meios de comunicação. O britânico The Guardian tem, há já algum tempo, um weblog onde reúne informação sobre temas variados. A cada dia faz uma selecção de notícias espalhadas pela rede sobre assuntos em destaque na agenda noticiosa do dia. Há algum tempo, o MSNBC.com, um site noticioso com grande audiência, lançou cinco weblogs, sobre temas como política, cultura, etc.

Os frequentadores da Blogosfera, assim chamam a este espaço onde habitam escritores e leitores, estão habituados a criticar tudo, ler tudo, a confiar nas suas fontes e a apresentar a sua opinião. À semelhança dos jornalistas, também os autores de weblogs recebem feedback daquilo que escrevem e estabelecem relações com os seus leitores. Os jornalistas poderiam beneficiar deste instrumento. Há alguns dias, Dave Winer, programador informático, autor do Scripting News, um dos blogs mais antigos e mais lidos (e um dos donos da Radio Userland, uma ferramenta para a criação de weblogs), avançava com algumas ideias sobre como os jornais poderiam beneficiar da utilização dos weblogs: os jornais poderiam disponibilizar blogs aos seus jornalistas e leitores. A rede desenvolver-se-ia quando os jornalistas comessem a criar ligações para os artigos que considerassem mais interessantes e ouvir (ou melhor ler) o que os seus leitores pensavam do que o jornal produzia. Os jornalistas começariam também a recolher informações sobre eventuais temas que os leitores considerassem interessantes e merecedores de atenção por parte do jornal. Ao fim de algum tempo seria possível escolher os mais participativos e criar com eles um espaço de discussão envolvendo jornalistas e leitores.

Agora, e para finalizar, levanto um conjunto de questões relacionadas com este tema:

- estarão os jornalistas preparados para trabalhar num mundo tão interactivo?
- será que a intervenção do público (em alguns casos poderá chamar-se interferência) é benéfica ou os jornalistas ficarão dependentes dos seus leitores?
- tendo os leitores acesso a um meio de publicação e a fontes qual seria o papel do jornalista? Controlar a qualidade?
- por outro lado, um relacionamento mais próximo e eficaz com os leitores não traria novos públicos?
- o jornalista seria ou não mais objectivo e verdadeiro, obtendo diferentes perspectivas sobre os factos?
- em vez de uma ameaça, este relacionamento com o público não seria um alargar das esferas jornalísticas?
- não seria uma excelente forma de dar credibilidade ao jornalismo visto por muitos como dependente de interesses económicos e políticos?
- como é que uma situação destas iria alterar as rotinas das redacções?

São um conjunto de questões que coloco à discussão deste grupo de estudiosos numa época de mudança. O jornalismo online ainda está no início mas já podemos distinguir alguns dos seus contornos permitindo algumas definições. Os jornalistas começam a sentir, no seu trabalho diário algumas mudanças. É necessário que compreendam o fenómeno para estarem preparados para o futuro e para alterações profundas na forma como trabalham.

Bibliografia

Pavlik, John; (2000) "The impact of technology on journalism", *Journalism Studies*, volume 1, número 2, 2000, pp. 229-237

Singer, Jane B; (1997) "Still Guarding the gate? The newspaper journalist's role in an online world", *Convergence: the journal of research into new media technologies*, volume 3, número

1, Primavera 1997, pp. 72-89

Winer, Dave; (2002) "Newspapers and weblogs; XML and academia" <<http://davenet.userland.com/#newspapersAndWeblogs>>